

Novo velho prêmio para a literatura brasileira

Concurso extinto em 1997 volta reciclado, menor e vai dar R\$ 55 mil ao melhor romance publicado em 2004

Daniela Birman

Em 1997, o Prêmio Nestlé de Literatura foi responsável pela mais alta soma já paga a escritores no país: R\$ 270 mil. Aquela sua sétima edição, no entanto, que entre outros autores premiou o poeta Manoel de Barros com seu "Livro sobre nada", foi também a última. Para alegria de autores consagrados e estreates, porém, uma nova versão do Nestlé será lançada hoje à noite, em cerimônia realizada no Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, no Rio.

O Nestlé está voltando com uma série de mudanças, a começar pelo valor menor do prêmio, que agora vai também contemplar um único livro. E, diferentemente das edições anteriores, que premiavam textos inéditos, desta vez poderão ser inscritas somente obras publicadas em 2004.

Projeto pedagógico de fomento à leitura

Além de receber R\$ 55 mil, o autor do melhor romance publicado no ano passado terá sua obra divulgada no projeto educativo Viagem Nestlé pela Literatura 2006. Isso significa que o romance será editado numa tiragem de pelo menos 30 mil exemplares e distribuído para as escolas inscritas no projeto.

— A volta do Prêmio Nestlé de Literatura vem fechar um ciclo que nós começamos na década de 80. Com isso, resolvemos também uma inquietação que tínhamos com relação à tiragem do livro — explica Francisco Garcia, diretor da Fundação Nestlé de Cultura. — Estávamos ansiosos para voltar. É muito importante fechar esse ciclo.

O concurso Viagem Nestlé de Literatura foi criado em 1999,



Marcelo Camava/005-06-1997

MANOEL DE BARROS

o poeta foi premiado pelo seu "Livro sobre nada" em 1997, ano da última edição do Nestlé

após a constatação que as obras vencedoras do prêmio literário — que, além da recompensa financeira, também eram publicadas — vinham tendo um número pequeno de vendas, e de leitores. Os títulos começaram sendo editados numa tiragem de cinco mil exemplares, passaram para três mil e depois para mil. O prêmio foi suspenso por um período e os esforços da fundação foram direcionados para o lançamento do projeto pedagógico de fomento à leitura. O Viagem Nestlé pela Literatura é dirigido a estudantes do

ensino médio e da oitava série do ensino fundamental, de escolas públicas e particulares.

Um dos autores já contemplados com o Nestlé foi Marçal Aquino, vencedor, na categoria contos, com "As fomes de setembro", em 1991. O escritor, que vinha tentando publicar sua obra há anos, conta que o prêmio foi fundamental para a sua literatura.

— Ele foi importante porque atribuía um valor considerável, e a grana é bacana, como se sabe, mas principalmente porque garantiu a publicação do livro. E

a Nestlé comprava metade da primeira edição para distribuição a bibliotecas — diz Marçal. — O prêmio em si tinha muito prestígio, é bom não esquecer. O júri de contos que me premiou tinha João Antônio, Loyola, Moacyr Scliar, Bella Jozef. Que escritor não ficaria feliz?

Este ano o livro premiado será um romance, mas a idéia é abranger outros gêneros nas próximas edições. Apenas um autor será escolhido a cada edição do prêmio, que não tem sua periodicidade definida. Sua coordenadora, Adriana Ribeiro, ex-

plica que se ele tivesse tantas categorias quanto em 97, quatro foram prestigiados seis autores, o prêmio acabaria inviabilizando o projeto educativo.

— Com o desenvolvimento do Viagem Nestlé pela Literatura estamos num outro patamar. Estamos no momento de fomentar a formação do leitor através desse incentivo à produção literária.

As inscrições para o prêmio vão de hoje até o dia 30 de setembro e o regulamento está disponível no site www.nestle.com.br/literatura.

Os principais prêmios

- **JABUTI:** O mais tradicional prêmio literário do país, concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro. O vencedor em cada uma das 17 categorias do Jabuti 2005 receberá R\$ 1,5 mil em setembro. Também premia o Livro do Ano de Ficção e Não-Ficção (R\$ 30 mil cada).
- **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS:** A ABL concede anualmente o Machado de Assis, pelo conjunto da obra (R\$ 75 mil) e outros cinco prêmios em ficção, tradução, literatura infanto-juvenil, ensaio crítico e história literária, poesia (R\$ 36 mil em cada categoria). Outro prêmio anual é o Senador José Emílio de Moraes (R\$ 75 mil, dotado pelo Grupo Votorantim), cuja escolha da obra é feita por uma comissão de acadêmicos da ABL. Dia 25 José Nêumanne Pinto recebe esse prêmio por "O silêncio do delator".
- **PORTUGAL TELECOM DE LITERATURA BRASILEIRA:** No início de setembro serão anunciados os dez finalistas da terceira edição deste prêmio anual. Em 28 de novembro sairão os três grandes vencedores, que ganharão R\$ 100 mil (1º colocado), R\$ 35 mil (2º) e R\$ 15 mil (3º).
- **PASSO FUNDO ZAFFARI & BOURBON DE LITERATURA:** O prêmio é bimestral e desde a primeira edição seu valor foi de R\$ 100 mil. O vencedor desta quarta edição será anunciado durante a 11ª Jornada Nacional de Literatura, que começa dia 22, em Passo Fundo. Será premiado o autor do melhor romance publicado nos últimos dois anos em língua portuguesa.

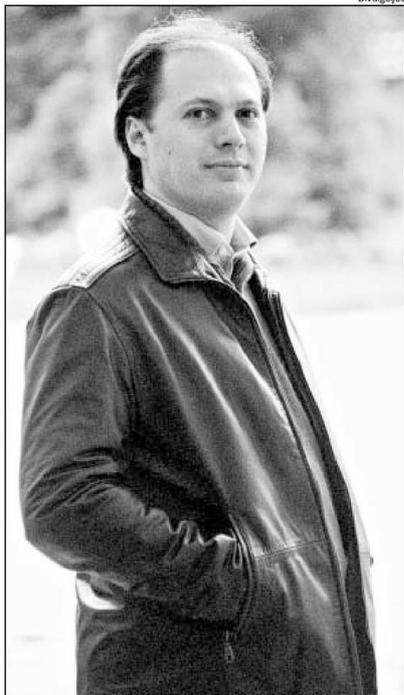
Música

Roberto Minczuk rege a 'Heróica' na estréia como regente titular da OSB

Luiz Paulo Horta

Há grande expectativa pela estréia do maestro Roberto Minczuk, sábado próximo, à frente da Orquestra Sinfônica Brasileira (Teatro Municipal). O programa está à altura da ocasião: abertura dos "Mestres Cantores" de Wagner, concerto K. 466 para piano e orquestra de Mozart, tendo Jean-Louis Steurman como solista, e a sinfonia "Heróica" de Beethoven. Aos 38 anos, Minczuk já tem uma carreira brilhante, que das estantes da Sinfônica de São Paulo (onde era o braço direito do maestro John Neschling) levou-o a palcos importantes da Europa (sobretudo Londres) e dos Estados Unidos (foi maestro assistente na Filarmônica de Nova York, cujo titular é Lorin Maazel). Sua vinda para a OSB pode ser fator importante na vida de uma orquestra que precisa urgentemente encontrar os seus caminhos, e voltar ao lugar que lhe pertence na vida musical brasileira.

Um bom cartão de visitas para o maestro Minczuk é o CD agora lançado em que ele dirige três "Bachianas" de Villa-Lobos com a Sinfônica de São Paulo no selo BIS (sueco). O lançamento faz parte de uma série completa das "Bachianas". O som é bom, o maestro está muito à vontade no repertório, e temos aqui mais um encontro com o gênio de Villa-Lobos. *Minczuk rege*



ROBERTO MINCZUK: carreira brilhante em palcos da Europa e dos EUA

tes como o "Dies Irae", trata-se de uma obra profundamente humana, de um compositor que já deixara para trás boa parte da sua produção operística. O canto lírico italiano está ali, claro (e é bem italiana essa visão sinistra do Juízo Final), mas completado por uma mente musical que chegara a um máximo de desenvolvimento, e temperado por uma humanidade que fala fundo ao coração. A orquestra estava bem, dirigida com mão firme, o coro é bom, e também eram bons os solistas vocais — um soprano sueca, uma meio-soprano inglesa, um tenor italiano e um barítono galês. Só nas partes camerísticas para voz houve alguns problemas de afinação, que também se manifestaram no fecho do programa — o comovente "Libera me", para soprano e coro.

• **CONCERTOS:** Por toda a semana, alastra-se pelo Rio o International Cello Encounter que é a bela realização do violoncelista David Chew — cada ano mais animado, trazendo ao Rio de Janeiro grandes nomes do instrumento. Amanhã, no CCB, possuem os espetáculos dedicados à vida e obra de Carlos Gomes, com curadoria de Myrian Dauelsberg e Mario Willmersdorf. Quarta-feira, na Sala Cecília Meireles, apresentação da Orquestra Sinfônica Italiana de Sessa

A História novamente se repete como farsa

Política externa dos EUA faz, 30 anos depois, com que 'Corações e mentes' continue atual

Eros Ramos de Almeida

A História se repete: no Iraque, os Estados Unidos incorrem nos mesmos erros cometidos na Guerra do Vietnã, quando, há mais de 30 anos, soldados americanos chafurdavam em semelhante lodaçal em terras distantes. Só muda o cenário: em vez de selvas tropicais e extensas plantações de arroz no Sudoeste Asiático, tropas americanas hoje bombardeiam aldeias áridas no Oriente Médio.

Em cartaz desde sexta-feira, com cópia nova, o incensado "Corações e mentes", documentário realizado em 1974 por Peter Davis, revela como as duas realidades (Vietnã e Iraque) são próximas: como no conflito no Sudoeste Asiático, os americanos exibem, no Iraque, arrogância, prepotência e racismo exacerbados. A empáfia dos conquistadores. Em troca, cada vez mais soldados americanos morrem, vitimados por homens-bombas.

Oscar de melhor documentário e primeiro filme a dar voz aos vietnamitas, "Corações e mentes" reúne imagens de arquivo, outras inéditas até então e entrevistas com autoridades, ex-combatentes americanos e sobreviventes vietnamitas.

O filme é um brilhante e contundente relato antimilitarista, embora exponha depoimentos a favor da presença americana no Vietnã (a maioria de gente que não se encaixa

ex-militares americanos com imagens do sofrimento de civis vietnamitas. Como a do ex-comandante das forças americanas no Vietnã, general Westmoreland, que declara que os orientais não dão o mesmo valor à vida que os ocidentais, enquanto uma criança chora desconsoável em cima do túmulo de seu pai, morto num dos milhares de bombardeios a vilas de agricultores do Vietnã.

"Lá do alto não se ouve gritos nem se vê corpos"

Em outro momento tocante, Davis colhe o depoimento emocionado e emocionante de um ex-piloto americano encarregado de jogar bombas sobre estas vilas. O ex-combatente faz mea culpa, maldizendo sua própria cegueira. "Lá do alto não se ouve gritos nem se vê corpos", emendando, em seguida, entre lágrimas, não poder imaginar o que sentiria se matassem suas filhas. À fala do ex-piloto sobrepe-se a mais famosa imagem da guerra: a de uma menina nua, com queimaduras provocadas pela explosão de uma bomba de napalm, correndo numa estrada de terra.

Estas são apenas algumas seqüências de um documentário repleto de depoimentos e imagens inesquecíveis — como o fuzilamento de um vietnamita, soldados americanos com prostitutas em Saigon ou a de ex-combatentes, mutilados ou paralisados.

Billy Graham de documentário

de vira-lobos, vejamos, por exemplo, a "Bachianas" nº 2, vasto painel sinfônico cujo segundo movimento é o "Canto da nossa terra". Podia ser uma modinha, para violoncelo e piano (como às vezes se toca); mas que vastidão de horizontes, que brasilidade irresistível! São movimentos assim que viravam a cabeça de um

Tom Jobim (que assumiu explicitamente essa influência).

• **REQUIEM:** Sábado, no Municipal, a Petrobras Sinfônica foi responsável, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, por uma suntuosa versão do "Requiem" de Verdi, com bons solistas estrangeiros e

a participação da (imensa) Choral Arts Society de Washington. Esse "Requiem", talvez o melhor do gênero na história da música, é uma grande realização do período romântico, e um testemunho da estatura pessoal e artística de Verdi. Apesar de momentos terrifican-

tes, juvenis naiana de Sopro e Coro, em repertório variado. De sexta a segunda-feira, no Salão Leopoldo Miguez da Escola de Música (Rua do Passeio), representação de "Dido e Enéias", obra-prima barroca de Henry Purcell, em comemoração ao aniversário da Escola. A direção musical é de Wendel Kettle. ■

na de gente que não pegou em armas e apavorava-se com o fantasma comunista, o que atualmente ganha contornos de piada) e de cidadãos contrários à Guerra — alguns só se tornaram defensores da paz depois de perder pernas ou movimentos na guerra. Davis contrapõe declarações racistas e pavorosas de

Final máximo do documentário moderno, "Corações e mentes" é o registro de um tremendo desastre cometido pelos americanos, que em 1975 desocupavam o Vietnã com o rabo entre as pernas, inapelavelmente derrotados. Pensava-se que a lição estava assimilada. A invasão do Iraque provou que não. ■